



UFAL

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E
ARTES(ICHCA)
CURSO DE JORNALISMO**

**RELATÓRIO TÉCNICO DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO**

**TÍTULO DO PROJETO EXPERIMENTAL: REPORTAGEM
MULTIMÍDIA “ABANDONO FAMILIAR E EXTERMINIO: A
REALIDADE VIVENCIADA PELA POPULAÇÃO LGBTQIA+
EM ALAGOAS”**

**ORIENTADORA: PRISCILA MUNIZ DE
MEDEIROS**

ALUNO: FELIPE DANIEL GUIMARÃES DE MORAES

MACEIÓ, SETEMBRO 2022

REPORTAGEM MULTIMÍDIA “ABANDONO FAMILIAR E EXTERMÍNIO: A REALIDADE VIVENCIADA PELA POPULAÇÃO LGBTQIA+ EM ALAGOAS”

Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC) em Jornalismo da
Universidade Federal de Alagoas,
como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharela em Jornalismo

Orientador(a): Prof.Dra. Priscila Muniz de Medeiros

Maceió
2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

M827r Moraes, Felipe Daniel Guimarães de.
Reportagem multimídia : “Abandono familiar e extermínio : a realidade vivenciada pela população LGBTQIA+ em Alagoas” / Felipe Daniel Guimarães de Moraes. – 2022.
31 f.

Orientadora: Priscila Muniz de Medeiros.
Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 31.

1. LGBTQIA+ - Alagoas. 2. Violência. 3. Abandono familiar. 4. Reportagem - Multimídia. I. Título.

CDU: 070:613.885(813.5)

Folha de Aprovação

FELIPE DANIEL GUIMARÃES DE MORAES

REPORTAGEM MULTIMÍDIA “ABANDONO FAMILIAR E EXTERMÍNIO: A REALIDADE VIVENCIADA PELA POPULAÇÃO LGBTQIA+ EM ALAGOAS”

Relatório Técnico submetido ao corpo docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em (dia) de (mês) de (ano).

(titulação, Nome completo, instituição) (Orientador)

Banca Examinadora:

Dra. Priscila Muniz de Medeiros, Universidade Federal de Alagoas
Orientadora

Dra. Mércia Pimentel, Universidade Federal de Alagoas
Examinador Interno

Luiz Henrique Moreira Sampaio

RESUMO

Este trabalho teve como finalidade a criação de uma grande reportagem multimídia para web, com o tema do abandono familiar e violência contra a população LGBTQIA+ em Alagoas. Histórias de pessoas renegadas pelas suas famílias foram contadas a fim de evidenciar uma temática ainda pouco discutida no campo político, acadêmico e jornalístico. Dados inéditos sobre casos de violência foram levantados na tentativa de construir uma base sólida de evidências capaz de ser utilizada pelo interesse da sociedade. Para embasar esta reportagem, autores como MEDINA (1986), MURAD (199) e outros foram utilizados para a criação de uma base teórica para discutir as questões acadêmicas pertinentes.

Palavras-chave: LGBTQIA+; violência; abandono familiar; reportagem multimídia

ABSTRACT

This piece of work has the purpose to create a multimedia article for the web about the family abandonment and violence against LGBTQIA+ people in the state of Alagoas. The history of LGBTQIA+ people rejected by their families has been told in a way to demonstrate a subject not discussed enough in the political, academic and journalistic field. Never-before-seen data about violence cases have been collected to build solid evidence capable of being used to serve the interest of people. To reference this article, authors such as, MEDINA (1986), MURAD (1999) and others have been quoted to discuss academic matters.

Keywords: LGBTQIA+; violence; family abandonment; multimedia article

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Alexandre me respondendo as perguntas por Whatsapp

FIGURA 2 Anitta me envia vídeos contando a sua história

FIGURA 3 Um dos gráficos feitos por mim para ilustrar dados sobre a violência LGBT+

FIGURA 4 Mapa dos casos de mortes LGBT+ em Alagoas

FIGURA 5 Imagem da página inicial da reportagem hospedada na Wix

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

2.2 ESPECÍFICOS

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 JORNALISMO DIGITAL

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 ELABORAÇÃO DA PAUTA

4.2 APURAÇÃO E COLETA DE DADOS

4.3 FONTES E ENTREVISTAS

4.4 REDAÇÃO E RECURSOS MULTIMÍDIA

4.5 ESCOLHENDO A PLATAFORMA

5. RESULTADOS

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. INTRODUÇÃO

As minorias sexuais e de gênero que compõe a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis & transexuais, queer, intersexo, assexuais e outros) são uma população considerada autalmente como vulneráveis pela constante violência física e emocional experienciada por esses sujeitos ao redor do mundo, pela desumanização da categoria e a sua exclusão no mercado de trabalho.

Apesar do senso comum auxiliar na criação de um imaginário popular, onde a sociedade nos dias atuais está “mais aberta” para perceber sujeitos LGBT+ enquanto seres humanos, o preconceito ainda extermina essas pessoas todos os dias em diferentes localidades no planeta.

De acordo com uma matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo, em 2019, a nível mundial, relações consensuais de amor ou prazer entre pessoas do mesmo sexo e gênero são consideradas crime em pelo menos 70 países, onde seis deles preveem pena de morte pela prática desses atos.

O levantamento, segundo o periódico, foi realizado pela Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais (ILGA) em parceria com diversas organizações ao redor do mundo. A pesquisa considerou apenas os países vinculados a Organização das Nações Unidas (ONU), onde dos 193 países, 35% criminalizam a homossexualidade.

Ainda segundo a matéria jornalística, dados da ACNUR, a agência para refugiados da ONU, um levantamento realizado em novembro de 2018 demonstrou que 89% dos estrangeiros que solicitaram refúgio brasileiro por conta da perseguição contra pessoas LGBTQIA+ eram africanos.

E apesar desse dado, a intenção de se buscar um porto seguro no Brasil acaba entrando em contradição, uma vez que o país foi eleito por quatro anos consecutivos como a nação que mais mata minorias sexuais e de gênero em todo o

mundo, de acordo com o relatório do Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+.

Em virtude dessa realidade, a proposta deste trabalho é evidenciar essa problemática envolvendo a violência física e emocional vivenciada por essa parcela da população, especificamente no estado de Alagoas, que também já apareceu como destaque entre os mais violentos do país.

Ao contar a realidade dessas pessoas, a ideia é oferecer uma perspectiva humanizada sobre como a LGBTfobia consegue impedir essas pessoas de ter o acesso a direitos considerados básicos, como o direito ao afeto, a uma casa e uma família, ou o simples direito de existir em uma sociedade e ocupar espaços onde o seu corpo não seja um alvo de agressões físicas, verbais e emocionais.

Portanto, o gênero jornalístico escolhido para abordar o tema do abandono familiar e da violência contra a população LGBTQIA+ em Alagoas foi a reportagem, em particular, a reportagem multimídia. Por ser um gênero considerado “mais livre”, do qual não depende necessariamente de técnicas como o lead jornalístico (por quê?, quem?, como?, quando?, onde?, o quê?) e por contar com mídias diversas como o áudio, o vídeo e até mesmo a ilustração gráfica, a proposta da matéria é oferecer uma perspectiva humanizada, criando um contato mais íntimo com as fontes e reportando as suas vivências da forma mais fidedigna possível.

Finalmente, saliento também que a escolha de trabalhar este tema se deu por conta do meu envolvimento pessoal e o interesse jornalístico pela comunidade LGBTQIA+, muitas vezes deixada de lado dos debates acadêmicos ou retratada única e exclusivamente como pauta em matérias de jornais policiais, onde muitas vezes a notícia é a morte dessas pessoas. A decisão de se trabalhar a questão do abandono familiar e suas nuances surge pela necessidade de se discutir um tema pouco trabalhado e muitas vezes esquecido das pautas dos movimentos sociais e até mesmo pelo próprio poder público, que em muitos estados não oferece apoio a casas de acolhimento destinadas para a população LGBTQIA+ em situação de rua ou expulsas pela própria família.

É interessante ressaltar que este trabalho não tem como objetivo solucionar os episódios de violência física e emocional vivenciados por essas minorias, mas sim, buscar evidênciá-los e discuti-los, em uma tentativa de reforçar como a violência física e emocional continua acontecendo contra esta comunidade nos dias de hoje, sem necessariamente buscar solucioná-la através de relatos.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

O objetivo deste trabalho foi relatar a realidade vivenciada pela população LGBTQIA+ do estado de Alagoas, onde as pessoas dessa comunidade estão submetidas a episódios de violência física, como agressões e até mesmo assassinatos, além de estarem sujeitas a vivenciar o abandono e a rejeição familiar por serem quem são. A proposta é contar histórias de pessoas vítimas de violência física e emocional, utilizando a reportagem multimídia como gênero jornalístico.

2.2 ESPECÍFICOS

- Evidenciar as violências vivenciadas por minorias sexuais e de gênero;
- Trabalhar os diferentes tipo de abandono;
- Oferecer dados estatísticos sobre como essa violência ocorre e quais são as suas principais vítimas;
- Demonstrar a falta de dados precisos sobre o tema;
- Mostrar o abandono afetivo e social por parte da família e como ele afeta o psicológico de uma pessoa;
- Oferecer opções sobre como buscar ajuda e quais instituições podem ser dar apoio a comunidade;

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para este tópico, irei me reservar a criar uma discussão teórica a respeito do gênero jornalístico escolhido, neste caso, a reportagem, como também irei me embasar em teóricos e pesquisadores do Jornalismo Digital.

Inicialmente, gostaria de reforçar a minha escolha por este gênero. Conforme publicado no artigo “Reportagem: o gênero sob medida para o jornalismo contemporâneo”, de autoria múltipla, apesar da reportagem ser compreendida enquanto um gênero informativo com caráter interpretativo, ela é, sobretudo, narrativa e através das histórias contadas em suas linhas, ela também argumenta, emociona, disserta e evidencia.

É gênero narrativo, pois, na essência está a história. Mas, ao narrar também descreve e argumenta, ou seja, não há narrativa pura na reportagem; a passagem de tempo anterior/tempo posterior, própria da narrativa, vem acompanhada de elementos próprios da descrição e da dissertação e, com essa mescla de tipologias a reportagem informa, emociona, analisa, interpreta, contextualiza, mostra personagens, lugar, divulga números, desvenda processos. (MORAES GONÇALVES et al. 2015)

Outro ponto a ser levado em consideração, é como os gêneros informativos possuem uma maior relevância para a população na hora de se denunciar, ou evidenciar ou fato. De uma forma geral, as pessoas tendem a recorrer aos gêneros informativos, sejam eles notícias ou reportagens, quando se debruçam sobre a realidade dos fatos.

A imprensa passa a exprimir a opinião pública, assume-se como meio de expressão mas também como meio de denúncia face ao poder instituído. Por outro lado, o jornalismo passa a ser identificado com valores como a (procura da) verdade, a independência e a objectividade. Valoriza-se a informação (os géneros informativos) em detrimento da opinião (dos géneros opinativos), vive-se uma verdadeira “obsessão” pelos factos. O jornalismo é orientado para o relato dos factos de actualidade (LOPES,s.d)

Com base nessas ideias mencionadas acima, escolhi trabalhar o gênero da reportagem em meu TCC, na tentativa de contar uma história cuja sua finalidade não fosse apenas informar um fato, mas também comover, interpretar e abrir as portas para que o tema escolhido possa ser dialogado por toda a sociedade.

Em busca de apoio teórico para reforçar o papel da reportagem na construção de uma narrativa humanizada e que consiga dar voz a populações oprimidas, baseei esta argumentação nas ideias da jornalista e pesquisadora Cremilda Medina, onde segundo ela, a reportagem se torna “interessante” ou, em suas próprias palavras, “sedutora”, ao retratar pessoas comuns enfrentando os desafios de sua existência cotidiana.

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta da do

cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional [...] Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem. (MEDINA, 1999, apud ALVES; SEBRIAN, p.28)

3.1 JORNALISMO DIGITAL

A famosa World Wide Web, conhecida como “internet” no Brasil e simplificada apenas como web é um advento da era tecnológica que possibilitou os seres humanos a se conectarem no chamado “ciberespaço”, um local ao mesmo tempo real e virtual onde todo o conhecimento humano pode ser armazenado e compartilhado por pessoas de todas o planeta.

É nesse contexto de expansão, velocidade e praticidade que o jornalismo tradicional encontra a sua oportunidade de se apropriar de mais um meio de comunicação para divulgar informações a pessoas em maior escala, com um maior alcance e com menores custos com relação ao jornalismo impresso.

O jornalismo antigamente pensando, praticado e produzido pensando dentro de uma lógica física, impressa, agora passava a tomar forma nos meios digitais e por conta das possibilidades oferecidas pelo meio digital, como uma interação mais direta com o leitor e a possibilidade de utilizar recursos multimídias, um novo gênero jornalístico começou a surgir, onde outros elementos além do texto e uma fotografia auxiliavam na criação de uma narrativa. Conforme aponta o pesquisador Murad (1999), é a partir dessa lógica entre o meio e a mensagem que o próprio conceito de webjornalismo surgiu. “De certa forma, o conceito de jornalismo encontra-se relacionado com o suporte técnico e com o meio que permite a difusão das notícias. Daí derivam conceitos como jornalismo impresso, telejornalismo e radiojornalismo.” (Murad, 1999).

As características apresentadas no Jornalismo Digital, entretanto, foram bastante inovadoras à época do seu surgimento. Anteriormente, é possível pensar em interações mais simples entre as pessoas com as páginas dos jornais impressos.

Agora, com o advento da web, não apenas a interatividade tomou nuances jamais imaginada antes, como também abriu as portas e ampliou as possibilidades para a criação e a personalização dos conteúdos e a hipertextualidade. A possibilidade de adicionar hiperlinks dentro dos textos jornalísticos colocou à disposição do público a possibilidade de continuar navegando dentro de um mesmo assunto de forma ilimitada, tendo em vista que mesmo após sair de uma matéria, o leitor pode continuar clicando em links de outras matérias relacionadas a um mesmo assunto e aprofundar o seu conhecimento a partir do seu próprio interesse.

O jornalismo Digital, portanto, dispõe de uma característica interessante no que diz respeito a sua possibilidade de transcender os limites físicos e temporais encontrados em outros meios de comunicação, como nas páginas dos jornais impressos, matérias de TV ou do rádio, onde a informação sempre estará limitada a ser transmitida dentro de um limite temporal ou de um espaço disponível nos cadernos impressos. Na internet não há um tempo limite para se consumir ou passar informação. O jornalista possui uma maior liberdade para construir a sua narrativa e o leitor pode continuar consumindo as informações por um período indeterminado.

Trabalhando com bancos de dados alojados em máquinas de crescente capacidade de armazenamento e contando com a possibilidade do acesso assíncrono por parte do Usuário, bem como de alimentação (Atualização Contínua) de tais bancos de dados por parte não só do Produtor, mas também do Usuário (Interatividade), além do recurso sempre possível da hiperlinkagem a outros bancos de dados (Hipertextualidade e Multimídia), o Jornalismo Online, para efeitos práticos, dispõe de espaço virtualmente ilimitado, no que diz respeito à quantidade de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição do seu público alvo. É fundamental que se enfatize que se trata da primeira vez que isso ocorre na História do Jornalismo, uma vez que, em todos os suportes anteriores (impresso, rádio, TV), o jornalista era obrigado a conviver com rígidas limitações de espaço (que se traduzem em tempo, no caso do rádio e TV). Tais limitações sempre constituíram, evidentemente, um fator condicionante essencial nos processos de produção jornalística em todos os suportes mediáticos. (PALACIOS, 2003, p.8)

Outro ponto a ser levado em consideração, é como o Jornalismo Digital facilitou o acesso e a recuperação da memória. Na internet, é possível contar com um espaço quase ilimitado para o armazenamento de arquivos. Anteriormente, os veículos de comunicação utilizavam-se exclusivamente de arquivos físicos para guardar o seu material, colocando-o à disposição do público para eventuais consultas e ou dos próprios jornalistas. Já no meio digital, esse espaço não possui mais barreiras materiais, facilitando a sua expansão e oferecendo ao público uma oportunidade de busca e resgatar essa memória de uma maneira mais sofisticada, com a possibilidade de utilizar ferramentas de buscas mais apuradas, usando, por exemplo, programas ou técnicas capazes de cruzar palavras-chaves, datas e pesquisar matérias sobre o mesmo assunto em diferentes veículos de comunicação, não se limitando somente aos arquivos disponibilizados por um único veículo.

Da mesma forma que a “quebra dos limites físicos” na Web possibilita a utilização de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização de material noticioso, sob os mais variados formatos (multi)mediáticos, abre-se a possibilidade de disponibilização online de toda informação anteriormente produzida e armazenada, através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação. A Memória no Jornalismo na Web pode ser recuperada tanto pelo Produtor da informação, quanto pelo Usuário, através de arquivos online providos com motores de busca (search engines) que permitem múltiplos cruzamentos de palavras-chaves e datas (indexação). (PALACIOS, 2003, p.8)

Por conta dessas inovações oferecidas tanto aos jornalistas como para os usuários, o Jornalismo Digital se destaca entre as demais modalidades jornalísticas, por permitir maiores possibilidades de criação e interatividade se comparado aos meios de comunicação dos quais são limitados física ou temporalmente na transmissão de seus conteúdos.

4.PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 ELABORAÇÃO DA PAUTA

O ponto de partida inicial para a elaboração deste trabalho levou em consideração alguns pontos pertinentes para a sua execução, sendo eles: a possível dificuldade de se encontrar fontes, a necessidade de se encontrar um tema onde fosse possível trabalhar questões sobre a comunidade LGBTQIA+, a sua relevância enquanto matéria jornalística e se já existia ou não uma familiaridade com o assunto.

A primeira ideia levantada seria a produção de uma reportagem multimídia sobre a questão do HIV/Aids no estado de Alagoas, onde fosse possível construir uma narrativa capaz de debater sobre a disseminação do vírus e tentar desconstruir a imagem de um suposto “vírus gay”. Por não haverem fontes o suficiente e terem surgido dificuldades de se trabalhar com as que já existiam, o tema foi descartado.

Em seguida, a ideia de se trabalhar o tema do abandono familiar e violência contra pessoas LGBTQIA + foi concebida. A questão da violência contra essa comunidade é um tema bastante trabalhado nas redações jornalísticas. Por já ter estagiado na Gazetaweb/Gazeta de Alagoas, Jornal de Alagoas e no portal 7Segundos, eu já possuía uma familiaridade com o assunto.

Com relação ao abandono familiar sofrido por essa minoria, o assunto foi escolhido pela pouca quantidade de matérias jornalísticas sobre o tema, e pela minha história de vida particular, uma vez que eu já vi de perto situações de abandono sofridas por pessoas LGBTQIA +, seja esse abandono físico ou emocional.

Outro ponto a ser ressaltado é levado em consideração para elaboração desta pauta, foi a existência de órgãos e entidades responsáveis pela apuração de dados

referentes aos episódios de violência contra as minorias sexuais e de gênero em Alagoas e no Brasil. Além de poder contar o apoio de matérias jornalísticas, pude contar também com o apoio desses materiais para poder construir o esboço da pauta usada para este trabalho.

Com essas ideias iniciais em mente, o processo de produção da pauta começou a ser feito. Conforme o Manual da Redação da Folha de S.Paulo define, a pauta é um roteiro de ações a serem seguidos, não surgindo de forma anterior a uma ideia, mas se tornando um meio de se poder concretizar esta ideia e torná-la palpável, possível de ser consumida por outras pessoas.

“Primeiro roteiro para a produção de reportagens, não é uma simples ideia, mas um plano de ação. Pode incluir breve histórico dos acontecimentos, questões básicas a serem respondidas ao longo da apuração, enfoque, formato, hipótese de trabalho, material de apoio, imagens, etc. Também deve levar em conta os meios para a produção e o modo de publicação” (FOLHA, *Manual da Redação*, as normas de escrita e conduta do principal jornal do país. São Paulo: Publifolha, 2018, 486p.)

Em seu esboço inicial, a pauta elaborada para esta reportagem trazia em seu enfoque a proposta de trazer relatos sensíveis das pessoas entrevistadas, com o objetivo de humanizar a sua situação de abandono familiar e contar a sua história de vida sem maiores julgamentos. Inicialmente, a ideia era trabalhar os diferentes tipos de abandono possíveis, sendo eles o emocional, o físico e o financeiro. Todos esses pontos foram explorados na execução do material.

Para auxiliar no processo de apuração e entendimento da problemática escolhida para este trabalho, matérias jornalísticas e sites com fontes oficiais foram anexados como materiais de apoio e pesquisa. De uma forma geral, todos esses materiais foram utilizados.

4.2 APURAÇÃO E COLETA DE DADOS

O processo de apuração desta reportagem teve início pelo levantamento de dados acerca dos casos de violência contra a população LGBTQIA + em Alagoas.

Para isso, utilizei como base quatro fontes distintas, sendo elas: o Grupo Gay de Alagoas (GGAL), Grupo Gay da Bahia (GGB), o Observatório de Mortes LGBTI+ e o Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

Apesar de três fontes distintas terem sido escolhidas para a fomentação desses dados, alguns obstáculos e inconsistências foram encontrados em todas. Primeiramente, os dados apurados pelo GGAL são feitos pelo presidente do grupo, Nildo Correia, dos quais a sua principal fonte é a Polícia Militar (PM/AL), além de seus contatos pessoais. Esses dados são disponibilizados por ele em seu instagram pessoal.

Mesmo estando públicos, foi possível notar algumas inconsistências na divulgação desses casos, por exemplo, em 2017 o suposto 3º assassinato ocorrido em Alagoas é citado duas vezes em seu instagram, com vítimas diferentes. Esse mesmo problema se repete ao longo dos anos. Em 2021, após anunciar a 6ª vítima, Nildo retoma as publicações a partir da 9ª morte e, posteriormente, da 14ª para a 16ª, sem antes publicar os demais óbitos entre essas ocorrências. No ano de 2022 esse mesmo erro se repete, da 2ª morte os casos pulam para a 7ª ocorrência e posteriormente para a 9ª.

Essa falta de clareza nos dados e a inconsistência na divulgação poderiam não ser tão fatais se o Observatório de Mortes LGBTI+ e o Grupo Gay da Bahia (GGB) não utilizassem os dados disponibilizados pelo GGAL na elaboração de seus registros das mortes ocorridas em todo o país.

Outro ponto a ser levado em consideração é que o Anuário Brasileiro de Segurança Pública começou a trabalhar a questão da violência contra a população LGBTQIA + somente a partir de 2019. Os seus dados, inclusive, também apresentam inconsistências em comparação aos demais relatórios, muitas vezes divulgando números de mortes bem abaixo dos demais, colocando a veracidade dos seus dados em questionamento.

De qualquer forma, apesar da falta de clareza no levantamento desses dados, toda a minha pesquisa se deu com base nas publicações feitas por Nildo Correia,

em seu instagram pessoal. Todos os casos foram anotados em meu bloco de anotações. Anotei em meu caderno o ano desses crimes, em qual cidade essas mortes ocorreram, em qual bairro, qual foi a arma ou o método utilizado pelos assassinos e qual a orientação sexual ou identidade de gênero das vítimas. Por levar em consideração a autodeclaração, não busquei levantar dados sobre o perfil racial das vítimas.

Ao final do processo de levantamento desses dados, me deparei com números inéditos com relação aos casos de assassinatos LGBTQIA + no país. De uma forma geral, o imaginário popular e a própria militância retratam as travestis e transexuais como as principais vítimas de crimes de ódio contra esse grupo minoritário.

Entretanto, a apuração desses dados demonstrou, na verdade, que as principais vítimas da LGBTfobia em Alagoas são Homens que Fazem Sexo com Homens (HSH). Optei por classificar essa categoria desta maneira, pois, apesar dos relatórios do GGAL retratarem todas as vítimas como homossexuais, considerei estar sendo mais preciso caso unisse a categoria pelo seu gênero e sua atividade sexual, não necessariamente excluindo a possibilidade de algumas vítimas serem bissexuais, pansexuais ou até mesmo homens heteros experimentando relações homoafetivas.

Com os dados referentes à violência devidamente apurados, o próximo passo foi o levantamento de informações referentes aos casos de abandono familiar. Novamente me deparei com uma lacuna. Não há dados referentes a casos de abandono familiar de pessoas LGBTQIA + no Brasil, não há qualquer órgão que realize esse tipo de levantamento.

Buscando outra alternativa, tentei buscar dados sobre a orientação sexual das pessoas vivendo em situação de rua em Maceió, a fim de tentar buscar possíveis fontes ou identificar possíveis casos de abandono familiar dos quais as vítimas acabaram virando moradores de ruas. Novamente, esses dados não existem. Busquei a Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas) de Maceió e descobri

que sequer haviam dados referentes ao número de pessoas vivendo em situação de rua na capital.

Esses dados, entretanto, existem em demais cidades do país, como São Paulo. De acordo com o censo realizado pela Fundação de Pesquisas Econômicas (Fipe), a pedido da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento (SMADS), 61% do público LGBT+ em situação de rua de São Paulo já sofreu violência.

4.3 FONTES E ENTREVISTAS

Após possuir uma base de dados para embasar a minha abordagem com as fontes, o próximo passo a ser seguido foi o de escolher e contatar as fontes selecionadas para a reportagem.

Durante o meu processo de orientação com a professora Dra. Priscila Muniz, discutimos a possibilidade de entrevistar pessoas que foram vítimas do abandono familiar em cidades do interior do estado. Essa ideia foi colocada em prática mais de uma vez, contudo, todas as fontes contactadas desistiram de me contar a sua história, por questões pessoais.

A dificuldade de encontrar pessoas dispostas a falar, entretanto, não se resumiu apenas a pessoas vítimas de abandono nas cidades do interior de Alagoas. Até mesmo na capital, poucas foram as pessoas dispostas a fornecer um relato sobre a sua vivência, mesmo que essa situação já tivesse sido superada tanto pela vítima, como pela própria família.

Após insistir no assunto, consegui a minha primeira fonte, o jornalista Alexandre Barbosa, o qual tive a oportunidade de conhecer enquanto estagiamos juntos para o portal Gazetaweb. Ao abordá-lo sobre o assunto, Alexandre não demonstrou resistência em me fornecer relatos sobre a sua história de abandono familiar, nesse caso, uma história de abandono emocional por parte de seu pai.

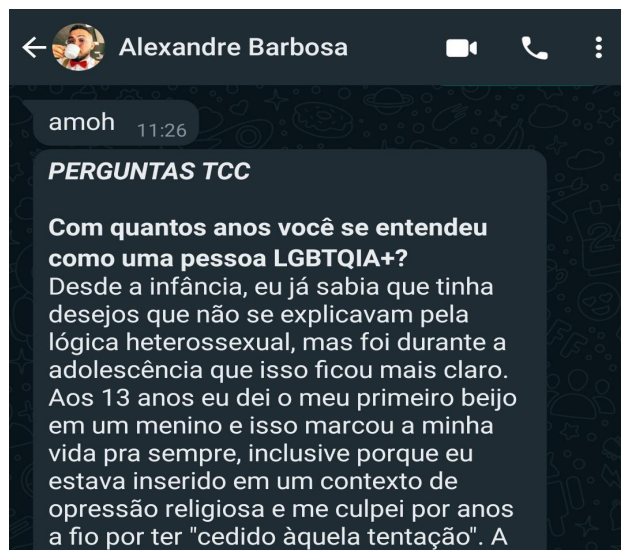


Figura 1: Alexandre me respondendo as perguntas por Whatsapp

Apesar de sermos conhecidos, todo o nosso contato se deu por conversas de WhatsApp, onde perguntas foram enviadas para ele, para compor a parte escrita da reportagem e um pequeno roteiro para uma gravação em vídeo, feita pelo próprio Alexandre, onde ele contaria mais detalhes sobre a sua história. Todo esse material foi aproveitado na versão final da reportagem.

Na procura por histórias diferentes das vivenciadas pelo comunicador, entrei em contato com a transexual Jady Franciele dos Santos, na esperança dela possuir contatos de outras meninas trans ou travestis vítimas desse mesmo problema. Através dela, consegui o contato de Anitta, uma menina trans.



Figura 2: Anitta me envia vídeos contando a sua história

O meu contato inicial com a Anitta ocorreu da mesma forma que o anterior. Tudo foi feito pelo WhatsApp. Algumas perguntas foram enviadas e a Anitta me enviou um vídeo contando detalhes sobre a sua história de vida. Por questões pessoais, Anitta viajou para Pernambuco com uma amiga para tentar ter mais oportunidades de trabalho e o nosso contato se encerrou por alguns meses.

Seguindo em frente, me restou buscar outros relatos de abandono. Para isso, entrei em contato com o Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego (CAERR), formalizando o meu pedido para ir diretamente à sede da casa, na época, localizada em uma antiga padaria, no bairro do Clima Bom, parte alta de Maceió.

No dia 28 de abril de 2022, por volta das 9h da manhã, estive pessoalmente no CAERR para conversar com as pessoas acolhidas pela casa e fazer imagens para ilustrar a reportagem. Lá, conversei com o acolhido Fransuel Gonçalves, onde ele me contou a sua história de abandono. Toda a nossa entrevista foi gravada em meu celular, com algumas anotações de apoio feitas em um bloco de notas.

Em uma reviravolta do destino, Anitta estava de volta em Maceió e dessa vez, como acolhida do Centro de Acolhimento. Por já ter conversado com ela por Whatsapp, me concentrei em ouvir a sua história a partir do momento da sua viagem e entender por quais motivos ela tinha viajado e por quais motivos ela teria resolvido

voltar. A nossa entrevista ocorreu da mesma forma como a de Fransuel, com uma gravação feita pelo celular e com apoio do bloco de notas.

Essa minha entrevista com a Anitta foi de longe a mais marcante, pois pude ver claramente como ela estava abatida por toda a sua história de vida e por seus planos de conseguir emprego em Pernambuco terem falhado. Nos momentos finais de nossa entrevista, ela disse a seguinte frase “Tem muitas pessoas que não aceitam a gente como a gente é, então é muito difícil, então a maioria vai se prostituir, vão para rua, é uma coisa que é horrível, eu não quero mais passar por isso, Deus me livre”. Considero essa uma das mais marcantes da minha trajetória enquanto estudante de jornalismo.

Além deles, conversei com Carlos Eduardo, diretor-geral do CAERR, para saber mais detalhes sobre os acolhidos, como andava o funcionamento da casa, como ela se sustentava e fazer perguntas sobre os casos de violência LGBTQIA+ que também são apurados pelo Centro, a fim de tornar as suas ações mais assertivas. O mesmo método foi utilizado para Carlos, com exceção de um vídeo gravado que foi gravado, porém não foi utilizado.

Ao final da minha visita, me concentrei em fazer imagens da casa utilizando o meu celular, um Samsung 30M e a minha câmera fotográfica de modelo Canon t6i Rebel. Tirei fotos tanto da casa, como de todos os entrevistados.

Por fim, me restava apenas entrar em contato com as fontes especializadas. Optei por conversar com alguns psicólogos sobre os impactos do abandono familiar, assim como conversei também com uma advogada para buscar entender como o direito encara o abandono de filhos pelos seus pais, para entender quais seriam as consequências para ambas as partes e quais os direitos das pessoas abandonadas.

Com os profissionais da psicologia e do direito, optei por enviar minhas perguntas por e-mail, todas condenadas em um arquivo. As respostas foram rapidamente devolvidas utilizando o correio eletrônico. Cheguei a entrevistar um psicólogo por WhatsApp, contudo, a sua participação foi descartada pois considerei pertinente conversar com um profissional envolvido diretamente com a causa

LGBTQIA +, por isso, a minha entrevistada trabalhava no CAERR. A advogada mencionada na matéria também auxilia no mesmo local, contudo, a sua participação na reportagem não tem vínculo direto com a casa de acolhimento.

4.4 REDAÇÃO E RECURSOS MULTIMÍDIA

Por se tratar de uma reportagem jornalística escrita, optei por construir a minha narrativa da forma mais objetiva e sucinta possível, optando por parágrafos curtos de no máximo cinco linhas. Materiais multimídias, como vídeos, infográficos produzidos por mim e entrevistas gravadas por áudio, também foram utilizados para a elaboração dessa matéria.

De acordo com o autor Longhi (2010), a reportagem na web é entendida como uma “Grande reportagem constituída por formatos de linguagem multimídia convergentes, integrando gêneros como a entrevista, o documentário, a infografia, a opinião, a crítica, a pesquisa, dentre outros, num único pacote de informação, interativo e multilinear (2010, p. 159-160)”. E com essa mesma perspectiva, dei início ao processo de escrita da minha reportagem.

Inicialmente, optei por fazer uma breve introdução sobre o assunto, pincelando sobre a questão da violência sofrida pela comunidade LGBTQIA + no estado de Alagoas. Já nessa parte inicial, tentei trabalhar a falta de dados disponíveis sobre o tema no estado.

Dando prosseguimento, escolhi abrir a matéria com o relato do jornalista Alexandre Barbosa, por ser um material simples de se trabalhar e sem relação com nenhuma das outras fontes mencionadas posteriormente na reportagem. Tanto um material escrito como um material audiovisual enviado no Youtube foram utilizados para este personagem. Ambos, entretanto, não se anulam. A sua história é enriquecida e o leitor é recompensado por ler e assistir ao seu relato.

Prosseguindo, retomei a minha história me valendo dos relatos de Anitta e Fransuel. Por ambos serem acolhidos do centro LGBTQIA +, relacionei ambos dentro da mesma retranca e dei prosseguimento aos seus relatos. Começando com Fransuel, optei por não contar tantos detalhes sobre as suas vivências, por achar que, apesar de haverem momentos tocantes e únicos, a sua história de vida se assemelhava em alguns aspectos com a de Alexandre Barbosa, apesar do contornos mais dramáticos e violentos. Por isso, não me prolonguei escrevendo sobre esse assunto e optei por disponibilizar a gravação da nossa entrevista no SoundCloud e colocá-la na íntegra à disposição do leitor.

Com a Anitta a situação foi um pouco diferente. Como a sua história de vida foi, na minha opinião, a mais particular entre as demais, por se tratar de uma mulher trans que nunca possuiu um vínculo afetivo real com seus pais e por ter sido expulsa de todos os lares por onde passou, o seu relato possui várias camadas, para além do fato dela já ter sido entrevistada anteriormente e sua história ter apresentado novos desdobramentos.

Contudo, por já ter me enviado um vídeo bastante completo contando a sua história de vida, a parte escrita não tomou tantos parágrafos para ser contada. Novamente, utilizo do seu vídeo e de uma parte escrita para introduzir a personagem aos leitores e finalizo a sua participação com um áudio da nossa entrevista final, gravada presencialmente na sede do CAERR. Essa entrevista também foi colocada no SoundCloud.

Prosseguindo com a reportagem, decidi abrir uma retranca para comentar especificamente sobre o Centro de Acolhimento Ezequias Rocha Rego e abordar não somente os trabalhos prestados pela casa, como ouvir também uma das minhas fontes especializadas sobre a questão do abandono familiar.

Esse tópico é especificamente interessante. Pois, apesar da profissional em questão não ter percebido, notei uma relação importante entre todas as histórias ouvidas pelas personagens, que foram também ouvidas pela psicóloga em questão. Todos relatam terem sido abandonados, em especial, por seus pais, pela figura masculina presente em suas vidas.

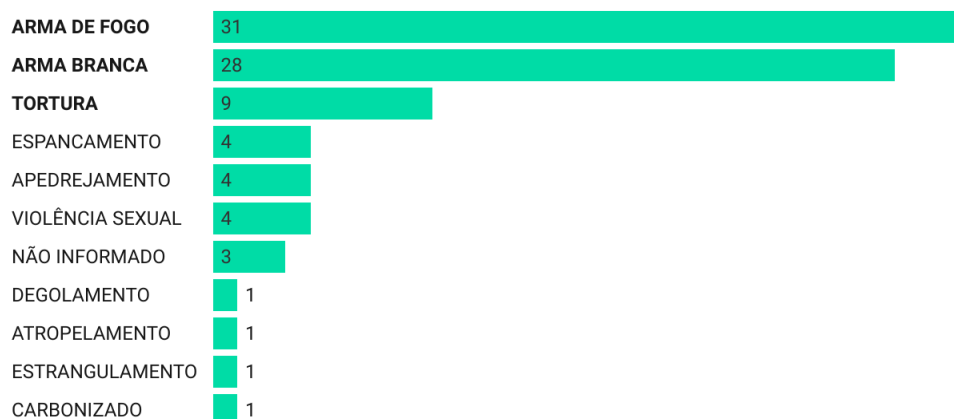
Além deste motivo, é nesta parte do texto onde eu consigo tecer algumas críticas com relação a casa, utilizando uma denúncia enviada por Fransuel a uma fonte anônima, que me enviou áudios e fotos do local em situação insalubre pelo WhatsApp. Nesses arquivos é possível ouvir Fransuel, um dos acolhidos pelo projeto, afirmando viver em condições precárias na residência e ter sido vítima de duas tentativas de assédio. O presidente do GGAL e também presidente do CAERR, Nildo Correia, foi procurado para comentar sobre o caso, porém não retornou e a sua resposta não foi incluída na matéria. Contudo, vale a pena ressaltar que o centro de acolhimento esteve ciente sobre as denúncias de assédio, mas como a vítima não foi a frente e realizou um boletim de ocorrência, o caso foi deixado de lado.

Por se tratar de um assunto bastante sensível, tanto como para a vítima, como para o denunciante anônimo, optei por editar o arquivo de som usando o aplicativo Audacity, colocando assim uma censura nos nomes mencionados, fora os da direção do centro de acolhimento.

Após isso, deu início a penúltima retranca presente na reportagem, para falar especificamente sobre a questão da violência física enfrentada pelas minorias sexuais e de gênero em Alagoas. Todos os dados recolhidos em meu processo de apuração foram agora transformados em três gráficos, com o apoio do Excel e do site DataWrapper, uma plataforma online capaz de criar todo o tipo de gráfico.

[METÓDOS USADOS NOS CRIMES]

Abaixo estão os objetos ou métodos mais frequentemente usados pelos assassinos



?* É referente as mortes cuja as causas não foram esclarecidas pela polícia ou pelo GGAL

Chart: Felipe Guimarães • Source: Grupo Gay de Alagoas • Created with Datawrapper

Figura 3: Um dos gráficos feitos por mim para ilustrar dados sobre a violência LGBT+

Para a reportagem, resolvi criar três gráficos. O primeiro é um mapa interativo do estado de Alagoas, onde é possível passar o mouse sobre todos os municípios e ver quantos assassinatos ocorreram em cada cidade nos últimos cinco anos. Nos municípios onde foram registrados a maior parte dos casos, as cores do mapa ficam mais escuras, enquanto nos com menores ocorrências, as cores ficam mais claras.

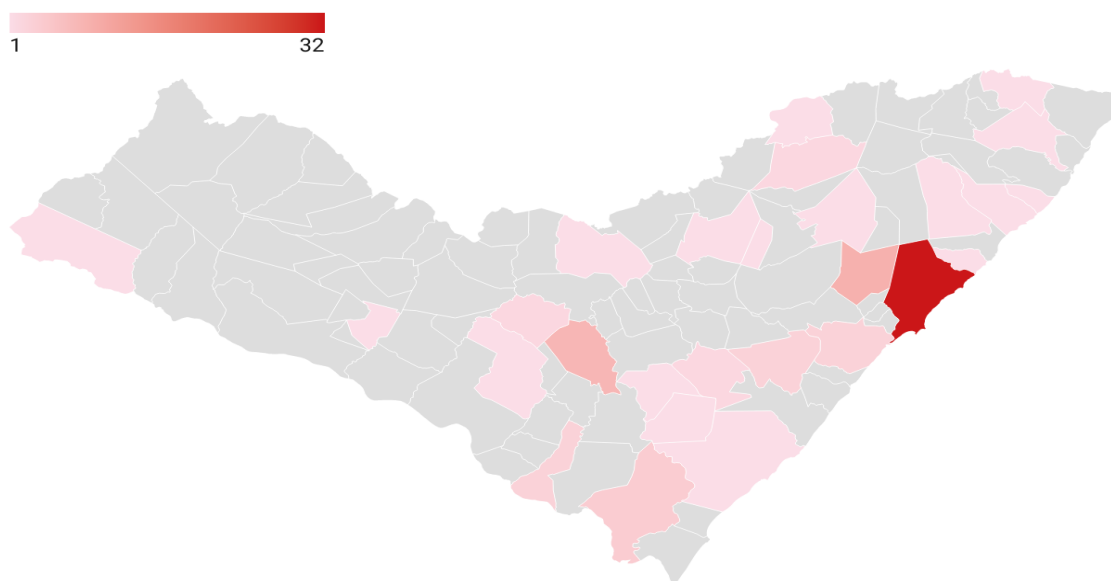
O segundo é um gráfico de colunas simples, contendo informações sobre a orientação sexual das vítimas registradas. Esse gráfico também é interativo e o leitor pode passar o mouse em cima.

Por último, elaborei um gráfico de barras simples, contendo informações sobre os métodos ou armas utilizadas pelos assassinos. Esse gráfico em especial não possui nenhuma interação direta além das informações presentes nele.

Após discorrer sobre o assunto, utilizando os recursos multimídias e as bases de dados coletados para a matéria, resolvi encerrar esse tópico e, finalizo a reportagem com mais uma retranscrição. Nessa parte, informo ser possível entrar com recursos jurídicos caso uma pessoa LGBTQIA + seja expulsa de casa pelos seus pais, oferecendo uma alternativa para lidar com o problema, além também de oferecer o contato de todas as entidades mencionadas ao longo do texto (GGAL e CAER). Para fechar a matéria, coloco os contatos e incentivo a busca por ajuda profissional para os casos de abandono familiar.

ASSASSINATOS LGBTQIA+ EM ALAGOAS

Locais onde ocorreram as mortes nos últimos cinco anos



Map: Felipe Guimarães • Source: Grupo Gay de Alagoas • Created with Datawrapper

Figura 4: Mapa dos casos de mortes LGBT+ em Alagoas

4.5 ESCOLHENDO A PLATAFORMA

Com a finalização da reportagem, agora bastava me decidir em qual plataforma ela iria ser publicada. A minha busca por um domínio não tomou tanto tempo, pois logo me lembrei da plataforma Wix, utilizada para a criação de websites.

Por não possuir domínio de html ou demais técnicas de programação, precisei escolher uma plataforma onde todo esse processo fosse automático, por isso optei por me cadastrar na Wix.com e lá, criei um blog para hospedagem do meu texto.

O site em si não foi necessariamente difícil de configurar, contudo, por não possuir familiaridade com o tema, resolvi publicar a reportagem somente como um texto de um blog, sem demais alterações no layout de sua página, como acontece em algumas reportagens multimídias, onde toda a estrutura do site é configurada para se adequar a matéria. Nesse caso, a matéria se adequou ao meu pouco

conhecimento nessa área e acabou se tornando um texto simples, com o adicional de todo o material multimídia.



Figura 5 : Imagem da página inicial da reportagem hospedada na Wix

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração e realização da pauta escolhida se demonstrou bastante satisfatória. Em primeiro lugar, pela experiência adquirida nas redações jornalísticas das quais tive a oportunidade de estagiar ao longo dos meus anos de graduação. E em segundo lugar, por se tratar de um tema relacionado a comunidade LGBTQIA+, que por razões pessoais, é uma temática da qual busco trazer para as minhas produções pois sinto na pele a violência direcionada contra essa população todos os dias, seja pelas minhas vivências pessoais, ou seja atuando como estagiário de jornalismo, lendo relatos e produzindo outras pautas sobre este assunto.

Como mencionado na introdução deste relatório, a proposta deste trabalho foi a de evidenciar a problemática da violência contra as minorias sexuais e de gênero e levantar a discussão sobre o abandono familiar dessa categoria, um tema pouco discutido em trabalhos acadêmicos e reportagens locais.

Ao finalizar essa pauta, o trabalho acabou se tornando maior do que o esperado, por levantar dados inéditos sobre o perfil das vítimas assassinadas nos últimos cinco anos em Alagoas. As informações apuradas pela reportagem trouxeram uma perspectiva inédita para a comunidade LGBTQIA+ que muitas vezes aponta as travestis e transexuais como as principais vítimas em todo o Brasil. Porém, não se escuta falar nos espaços de discussão acadêmicas e até mesmo na política, sobre a grande mortalidade cis masculina evidenciada pela apuração dessa reportagem.

Há, inclusive, uma lacuna na literatura acadêmica capaz de explicar teoricamente porque, no estado de Alagoas, existe um registro maior de mortes de homens do que travestis e transexuais.

De qualquer forma, o objetivo da reportagem não foi o de explicar um fenômeno tão complexo e com tantas camadas como a violência opressiva contra a população LGBTQIA+, que como foi evidenciado pelos relatos das personagens, não têm sequer o direito de fazer parte de um lar afetuoso e acolhedor.

Foi justamente por conta dessa falta de dados capazes de oferecer um diagnóstico preciso sobre a situação da comunidade LGBTQIA+ em Alagoas que o tema da reportagem foi escolhido. Para tentar reunir todas as informações possíveis e evidenciar um problema pouco trabalhado a nível estadual. Considero, portanto, essa missão como cumprida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana Aline; SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O Ser Humano Como Ponto de Partida e de Chegada do Fazer Jornalístico**. Guarapoava: Intercom, 2008.

FOLHA, autores múltiplos. **Manual da redação: as normas de escrita e conduta do principal jornal do país**. PUBLI FOLHA. 2018

LONGHI, R. R. **Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia**. Estudos em Comunicação, nº7 - Volume 2, (149-161). 2010. Recuperado de <http://www.ec.ubi.pt/ec/07/vol2/longhi.pdf>.

LOPES, P.C. **Jornalismo e linguagem jornalística: Revisão conceptual de base bibliográfica**. s.d. Universidade Autónoma de Lisboa.

MANTOVANI, Flávia. **Relação homossexual é crime em 70 países, mostra relatório mundial**. Folha de São Paulo. 20 de março de 2019. Disponível em <[Relação homossexual é crime em 70 países, mostra relatório mundial - 20/03/2019 - Mundo - Folha \(uol.com.br\)](http://www.folha.com.br/Relacao-homossexual-e-crime-em-70-paises-mostra-relatorio-mundial-20-03-2019-Mundo-Folha)>

MURAD, Angéle. **Oportunidades e desafios para o jornalismo na Internet**. In: Ciberlegenda, nº 2.

PALACIOS, Marcos. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória**. In: MACHADO, Elias & PALACIOS, Marcos (Orgs), Modelos do Jornalismo Digital, Salvador: Editora Calandra, 2003.